

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**O homem deve reencontrar o Paraíso...**

Rubem Alves

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para se navegar. Puseram-se então a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco: manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse certo poeta: *Navegar é preciso*, a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam *mais ou menos*. Assim, eles se tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento de grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os exóticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo quem quisesse navegar nas rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

De nada valiam, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar seu palpite, ficaram em silêncio. Os computadores não têm preferências – falta-lhes essa sutil capacidade de *gostar*, que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde se estava indo.

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber *como as coisas funcionam*, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa preciosa. Disse certo poeta: *Viver não é preciso*. Primeiro vem o impreciso desejo. Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.

Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas. Ezra Pound inicia seus *Cânticos* dizendo: *E pois com a nau no mar/ assestamos a quilho contra as vagas...* Cecília Meireles: *Foi, desde sempre, o mar! A solidez da terra, monótona/ parece-nos fraca ilusão! Queremos a ilusão do grande mar / multiplicada em suas malhas de perigo.* E Nietzsche: *Amareis a terra de vossos filhos, terra não descoberta, no mar mais distante. Que as vossas velas não se cansem de procurar esta terra! O nosso leme nos conduz para a terra dos nossos filhos... Viver é navegar no grande mar!*

Não só os poetas: C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem novos, mais perfeitos. O ritmo da remadas acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: *O porto não nos importa. O que importada é a velocidade com que navegamos.*

C Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio duma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de *para onde* navegamos. *Para onde?* Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do *para onde*. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como *sonho impossível de ser realizado*. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direção.

Mário Quintana explicou a utopia com um verso: *Se as coisas são inatingíveis... ora!/ não é um motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora/ A mágica presença das estrelas!* Karl Mannheim, outro sociólogo sábio que poucos leem, já na década de 1920 diagnosticava a doença da nossa civilização: Não temos consciência de direções, não escolhemos direções. Faltam-nos estrelas que nos indiquem o destino.

Hoje, ele dizia, as únicas perguntas que são feitas, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é produzir o objeto) e pelo objetivismo da ciência (o importante é saber como funciona), são: *Como posso fazer tal coisa? Como posso resolver este problema concreto em particular?* E conclui: *E em todas essas perguntas sentimos o eco intimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo.*

Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz e sem rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso, sua polia, sua vela, seu mastro.

Dizem que seu dever é produzir conhecimento. Se forem bem-sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se lhes pergunta: *Para onde seu barco está navegando?*, eles respondem: *Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico.*

E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo. Não posso pensar a missão das escolas, começando com as crianças e continuando com os cientistas, como outra que não a da realização do dito poeta: *Navegar é preciso. Viver não é preciso.*

É necessário ensinar os precisos saberes da navegação enquanto ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação: *A terra dos filhos dos meus filhos, no mar distante...* Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com navegar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas.

O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: *O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso.* O paraíso é o jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para os homens e mulheres. Mas há um pesadelo que me atormenta: o deserto. Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado *progresso*. Está na bandeira nacional... E, *quilha contra as vagas*, a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção. E é assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

1. (Efomm 2018) *Mário Quintana explicou a utopia com um verso (...)*

Analisando-se os fragmentos que se seguem, a regência da forma verbal que difere do exemplo acima aparece na alternativa

- a) Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver (...)
- b) Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar!
- c) Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber.
- d) Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado progresso.
- e) (...) e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

2. (Efomm 2018) **Assinale** a alternativa em que a forma verbal sublinhada tem um valor significativo, nocional.

- a) *Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados.*

- b) Assim, eles se tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.  
c) Os computadores, coitados, chamados a dar o seu palpite, ficaram em silêncio.  
d) Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior.  
e) (...) os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

3. (Eear 2017) Relacione as colunas e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- I. Predicado Verbal  
II. Predicado Nominal  
III. Predicado Verbo-nominal

- ( ) Receava que eu **me tornasse rancorosa**.  
( ) As irmãs **saíram da missa assustadas**.  
( ) Da janela da igreja, os padres **assistiam à cena**.  
a) II – I – III  
b) III – I – II  
c) I – III – II  
d) II – III – I

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### **A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?**

*Por Francisco Fernandes Ladeira*

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. <sup>1</sup>Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, <sup>2</sup>devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. <sup>3</sup>As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. <sup>4</sup>Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] <sup>5</sup>A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. <sup>6</sup>Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). <sup>7</sup>“Os vários tipos de receptor situam-se numa <sup>8</sup>complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. <sup>9</sup>Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do *Jornal Nacional* acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. <sup>10</sup>“A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846. Acesso em 13/07/2016.)

4. (Ita 2017) Marque a alternativa em que o verbo destacado está classificado corretamente quanto à transitividade.

VTD – verbo transitivo direto

VTI – verbo transitivo indireto

VI – verbo intransitivo

- a) [...]devemos **duvidar** (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. – VTD (ref. 2)
- b) Na maioria das vezes, o discurso midiático **perde** seu significado original na controversa relação emissor/receptor. – VTI (ref. 4)
- c) A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo **recorre** como argumento para formular suas opiniões. – VTI (ref. 5)
- d) Nesse sentido, **competem** com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos [...] – VTD (ref. 6).
- e) Evidentemente, o peso de cada quadro de referência **tende** a variar de acordo com a realidade individual. – VI (ref. 9)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) quest(ões) a seguir.

### O reinado do celular

De alto a baixo da pirâmide social, quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular. É realmente um grande quebra-galho. Quando estamos na rua e precisamos dar um recado, é só sacar o aparelhinho da bolsa e resolver a questão, caso não dê pra esperar chegar em casa. Pra isso – e só pra isso – serve o telefone móvel, na minha inocente opinião.

Ao contrário da maioria das mulheres, nunca fui fanática por telefone, incluindo o fixo. Uso com muito comedimento para resolver assuntos de trabalho, combinar encontros, cumprimentar alguém, essas coisas realmente rápidas. Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência. Por celular, muito menos. Considero-o um excelente resolvidor de pendências e nada mais.

Logo, você pode imaginar meu espanto ao constatar como essa engenhoca se transformou no símbolo da neurose urbana. Outro dia fui assistir a um show. Minutos antes de começar, o lobby do teatro estava repleto de pessoas falando ao celular. “Vou ter que desligar, o espetáculo vai começar agora”. Era como se todos estivessem se despedindo antes de embarcar para a lua. Ao término do show, as luzes do teatro mal tinham acendido quando todos voltaram a ligar seus celulares e instantaneamente se puseram a discar. Para quem? Para quê? Para contar sobre o show para os amigos, para saber o saldo no banco, para o telehoróscopo?? Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância. Conversar entre si, com o sujeito ao lado, quase ninguém conversava.

O celular deixou de ser uma necessidade para virar uma ansiedade. E toda ânsia nos mantém reféns. Quando vejo alguém checando suas mensagens a todo minuto e fazendo ligações triviais em público, não imagino estar diante de uma pessoa ocupada e poderosa, e sim de uma pessoa rendida: alguém que não possui mais controle sobre seu tempo, alguém que não consegue mais ficar em silêncio e em privacidade. E deixar celular em cima de mesa de restaurante, só perdoou se o cara estiver com a mãe no leito de morte e for ligeiramente surdo.

Isso tudo me ocorreu enquanto lia o livro infantil *O menino que queria ser celular*, de Marcelo Pires, com ilustrações de Roberto Lautert. Conta a história de um garotinho que não suporta mais a falta de comunicação com o pai e a mãe, já que ambos não conseguem desligar o celular nem por um instante, nem no fim de semana – levam o celular até para o banheiro. O menino não tem vez. Aí a ideia: se ele fosse um celular, receberia muito mais atenção.

Não é história da carochinha, isso rola pra valer. Adultos e adolescentes estão virando dependentes de um aparelho telefônico e desenvolvendo uma nova fobia: medo de ser esquecido. E dá-lhe falar a toda hora, por qualquer motivo, numa esquizofrenia considerada, ora, ora, moderna.

Os celulares estão cada dia menores e mais fininhos. Mas são eles que estão botando muita gente na palma da mão.

(MEDEIROS, Martha. *O reinado do celular*. In: \_\_\_. *Montanha Russa; Coisas da vida; Feliz por nada*. Porto Alegre, RS: LPM, 2013. p. 369-370.)

5. (Esc. Naval 2015) Assinale a opção em que o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo destacado em “Considero-o um excelente resolvidor de pendências e nada mais.” (2º §)

- a) “Por celular, muito menos.” (2º §)
- b) “Logo, você pode imaginar meu espanto [...]” (3º §)
- c) “E toda ânsia nos mantém reféns.” (4º §)
- d) “Isso tudo me ocorreu enquanto lia [...]” (5º §)
- e) “Conta a história de um garotinho [...]” (5º §)

6. (Uerj 2012) TEXTO II

Ele está cansado, é quase meia-noite, e pode afinal voltar para casa. (...). No edifício da esquina, o mesmo cachorro de focinho enterrado na lata de lixo. Ao passar sob as árvores, ao menor arrepio do vento, gotas borrifam-lhe o rosto, que ele não se incomoda de enxugar.

Ao mexer no portão, o cachorrinho late duas vezes – estou aqui, meu velho – e, <sup>1</sup>por mais que saltite ao seu lado, procurando alcançar-lhe a mão, ele não o agrada. (...)

Prevenido, desvia-se do aquário sobre o piano: o peixinho dourado conhece os seus passos e de puro exibicionismo entrega-se às mais loucas evoluções.

Ele respira fundo e, cabisbaixo, entra no quarto. <sup>2</sup>A mulher, sentada na cama, a folhear sempre uma revista (é a mesma revista antiga), olha para ele, mas ele não a olha.

No banheiro, veste em surdina o pijama e, ao lavar as mãos, recolhe da pia os longos cabelos alheios. Escova de leve os dentes, sem evitar que sangrem as gengivas.

– Ai, como é triste a velhice... – confessa para o espelho, e são palavras que não querem dizer nada.

Aperta as torneiras da pia, do chuveiro e do bidê – se uma delas pingasse ele já não poderia dormir.

Na passagem, apanha o livro sobre o guarda-roupa – ele a olhou de relance, mas ela não o olhou – e dirige-se para a sala, onde acende a lâmpada ao lado da poltrona. Em seguida, descalço, sobe na cadeira e com a chave dá corda ao relógio. Entra na cozinha e, ao abrir a luz, pretende não ver a mesma barata na sua corrida tonta pelos cantos. Deita um jarro d'água no filtro e bebe meio copo, que enxuga no pano e põe de volta no armário.

Antes de sentar na poltrona, detém-se diante do quarto da filha – a porta está aberta, mas ele não entra. Esboça um aceno e presto encolhe a mão. Por mais que afine o ouvido não escuta o bafejo da criança em sossego – e se ela deixou de respirar?

(...) Abre o livro e concentra-se na leitura: frases sem nenhum sentido.

Na casa silenciosa, apenas o vultear das folhas lá no quarto, às suas costas o peixinho estala o bico a modo de um velho que ruma a dentadura. Por vezes, cansado demais, cabeceia e o livro cai-lhe no joelho – enquanto não se apaga a luz do quarto ele não vai deitar.

(...)

Está salvo desde que ignore a porta do quarto da filha; ergue, com esforço, as pálpebras pesadas de sono e lê mais algumas linhas, evitando levar a mão ao rosto, onde um músculo dispara de repente a tremer no canto da boca. (...)

Ao extinguir-se enfim a outra luz, ele deixa passar alguns minutos e, arrastando os pés no tapete, recolhe-se ao quarto, acende a lâmpada do seu criado-mudo, com cautela infinita para não encarar a esposa que, voltada para o seu lado, pode estar com um olho aberto ou, quem sabe, até com um sorriso nos lábios. (...)

Será uma grande demora até que na rua clarinem\* as primeiras buzinas – os galos da cidade. (...) Prepara-se para a noite em que há de entrar numa casa deserta e, ao abrir a porta, assobiará duas notas, uma breve, outra longa: todos os quartos vazios, o assobio é para a sua alma irmã, a baratinha no canto escuro.

(...)

Longe vai a manhã, mas resta-lhe o consolo de que, ao saltar do leito, esquecerá entre os lençóis o fantasma do seu terror noturno. Outra vez ergue-se no quarto o ressonar tranquilo da esposa; cuidadoso de não ranger o colchão, ele volta-se para o outro lado. Pouco importa se nunca mais chegar a dormir. Afinal você não pode ter tudo.

DALTON TREVISAN

*A guerra conjugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

\* Clarinem - soem como clarim

Nos trechos transcritos a seguir, estão sublinhados dois verbos que podem ser usados com variação da regência: transitivo direto ou transitivo indireto. A variação da regência altera o sentido do verbo “agradar”: fazer agrados ou ser agradável. Já o verbo “olhar” expressa o mesmo sentido nos dois casos.

*por mais que saltite ao seu lado, procurando alcançar-lhe a mão, ele não o agrada.* (ref.1)

*A mulher, sentada na cama, (...) olha para ele, mas ele não a olha.* (ref. 2)

Identifique, no primeiro trecho, a regência do verbo “agradar” e o sentido em que ele foi empregado.

Em seguida, reescreva o segundo trecho, variando a regência do verbo “olhar” em cada ocorrência.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; <sup>1</sup>o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida <sup>2</sup>SEM LUTA é um mar morto no centro do organismo universal.

DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA <sup>3</sup>de cães; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que <sup>4</sup>ao pé deles estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães <sup>1(6)</sup>mordiam-se, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala <sup>5</sup>DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia EM ÊXTASE.

- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando.

Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga <sup>2(7)</sup>cessou INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, <sup>6</sup>posto contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que <sup>3(8)</sup>disputam aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

7. (Ita 1996) Quanto à predicação, os verbos "mordiam(1), cessou(2), disputam(3)", classificam-se, no texto, respectivamente, como:

- a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.
- b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.
- c) transitivo, ligação, t. direto e indireto.
- d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.
- e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

8. (Cesgranrio 1995) Assinale a opção que traz corretas classificações do sujeito e da predicação verbal.

- a) "Houve... uma considerável quantidade" - sujeito inexistente; verbo transitivo direto.
- b) "que jamais hão-de ver país como este" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
- c) "mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um" - sujeito simples; verbo transitivo direto e indireto.
- d) "que se recebe em herança" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
- e) "a quem tutela" - sujeito simples; verbo intransitivo.

9. (Fuvest 1993) Observar a oração:

"... e Fabiano saiu de costas ..."

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo:

- a) "... Fabiano ajustou o gado ..."
- b) "... acreditara na sua velha."
- c) "... davam-lhe uma ninharia."
- d) "Atrevimento não tinha ..."
- e) "Depois que acontecera aquela miséria ..."

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O IMPÉRIO DA LEI

1 O desfecho da crise política deu uma satisfação a um anseio fundamental dos brasileiros: o de que a lei seja respeitada por todos. Estamos, agora, diante da imperiosa necessidade de dar prosseguimento ao processo de regeneração dos costumes políticos e da restauração dos princípios éticos na vida pública, que nada mais é do que se conseguir em novas bases um consenso em torno da obediência civil.

2 Existem reformas pendentes nas áreas política e econômica, lacunas constitucionais a serem preenchidas, regulamentações não realizadas, aprimoramentos da Carta que deverão ocorrer em datas já definidas. Mas estas tarefas não esgotam a pauta de urgências da cidadania. É indispensável inculcar no cidadão comum o respeito à lei.

3 Esta aspiração é antiga no Brasil. Capistrano de Abreu já sonhava com uma Constituição com dois únicos artigos: 1 - A partir, desta data, todo brasileiro passa a ter vergonha na cara; 2 - Revogam-se as disposições em contrário. Num país que combina o furor legiferante à tradição de impunidade, o historiador compreendeu que o problema era menos a ausência de leis do que a generalizada e permanente tendência em desobedecê-las. Simplificar e cumprir foram suas palavras de ordem.

4 O sociólogo americano Phillip Schmitter se confessou abismado pela naturalidade com que os brasileiros transgridem as leis em vigor. É de se duvidar se uma Constituição como a de Capistrano "pegaria" no Brasil. Uma vez adotado o "cumpra-se a lei", as normas vigentes não seriam suficientes? Caso não fossem que mecanismos garantiriam o imediato cumprimento da nova lei? Mais: a desobediência à nova lei não aprofundaria ainda mais a desconfiança nas instituições? São questões que surgem espontaneamente num país cuja cidadania ainda não internalizou a lei.

*Jornal do Brasil, 01/10/92, p.10*

10. (Cesgranrio 1993) Aponte a opção na qual o verbo em destaque deve ser classificado como intransitivo:

- a) "EXISTEM reformas pendentes nas áreas política e econômica, (...)" (20. parágrafo)
- b) "É indispensável INCULCAR no cidadão comum o respeito à lei." (20. parágrafo)
- c) "(...) Capistrano de Abreu já SONHAVA com uma Constituição com dois únicos artigos (...)" (30. parágrafo)
- d) "(...) as normas vigentes não SERIAM suficientes?" (40. parágrafo)
- e) "(...) que mecanismos GARANTIRIAM o imediato cumprimento da nova lei?" (40. parágrafo)

### Gabarito:

#### Resposta da questão 1:

[C]

No enunciado, o verbo destacado tem transitividade direta, uma vez que exige complemento sem o uso da preposição; situação idêntica ocorre nas alternativas [A], [B], [D] e [E].

Já na alternativa [C], o verbo é intransitivo; é preciso atentar para o fato de “sonhar” desempenhar função de sujeito posposto.

#### Resposta da questão 2:

[D]

As alternativas [A], [B], [C] e [E] apresentam verbos não-nocionais, ou de ligação, posto indicarem estados ou características de seus sujeitos.

Já na alternativa [D], o verbo “estar” é nocional, exprimindo a ação de estar em determinado lugar.

#### Resposta da questão 3:

[D]

Em “Receava que eu me tornasse rancorosa”, há verbo de ligação (“tornar-se”) e predicativo do sujeito (“rancorosa”). Assim, tem-se predicado nominal.

Em “As irmãs saíram da missa assustadas”, há um verbo intransitivo (“sair”) e um predicativo do sujeito (“assustadas”); portanto, predicado verbo-nominal.

Finalmente, em “Da janela da igreja, os padres assistiam à cena”, há verbo transitivo indireto (“assistir”) e objeto indireto (“à cena”). Temos então um predicado verbal.

#### Resposta da questão 4:

[C]

Os verbos destacados em [A], [B], [D] e [E] são, respectivamente, transitivo indireto, transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo. Assim, apenas a classificação do verbo da opção [C] é correta, pois o termo verbal “recorre” é transitivo indireto, ligado ao seu objeto (“os quais”) pela preposição “a” (“aos quais”).

#### Resposta da questão 5:

[C]

Tanto o termo destacado no enunciado: *um excelente resolvidor de problemas (...)* quanto o termo *reféns* destacados na alternativa, ambos são predicativos do objeto, pelo fato de qualificarem seus respectivos objetos diretos. No primeiro caso, o oblíquo *o* é objeto direto do verbo *considerar*, com isso, *um excelente resolvidor de problemas* vai qualificar o objeto direto. No segundo caso, *reféns* irá qualificar o objeto direto do verbo *manter* que é o oblíquo *nos*.

#### Resposta da questão 6:

O verbo agradecer pode ser intransitivo, transitivo indireto ou direto, com o sentido de *causar boa impressão*, *satisfazer* e *fazer carinho*, respectivamente. No trecho “ele não o agrada”, o verbo é transitivo direto, portanto com valor semântico *de fazer agrados*, *acarinhar*. No segundo trecho, a variação da regência do verbo “olhar”

não altera o sentido do texto, pois *a mulher, sentada na cama, olha-o, mas ele não olha para ela* é sinônima da original.

**Resposta da questão 7:**

[D]

**Resposta da questão 8:**

[A]

**Resposta da questão 9:**

[E]

**Resposta da questão 10:**

[A]

# Fábrica

# D